



A TRILOGIA TRÁGICA DE HERÓDOTO

THE TRAGIC TRILOGY OF HERODOTUS

Maria Aparecida de Oliveira Silva¹
Grupo Heródoto/Unifesp
madsilva@usp.br

61

Resumo

No primeiro livro de *Histórias*, três episódios da vida de Creso ilustram as principais características do gênero trágico presentes na narrativa herodotiana. O primeiro trata do encontro de Sólon com Creso (I, 30-33), depois o de Creso com Adrasto, o futuro assassino de seu filho (35-45) e, por fim, do encontro de Creso com Ciro (85-90). A nosso ver, tais episódios podem ser interpretados como uma versão reduzida, em prosa, de uma trilogia trágica. Portanto, neste artigo, demonstramos como Heródoto delineou sua interpretação da vida de Creso a partir de elementos estruturais da tragédia.

Palavras-chave: Heródoto; Creso; Sólon; Adrasto; Ciro; tragédia grega

Abstract

In the first book of *Histories*, three episodes of the life of Croesus evidence the main characteristics of the tragic genre present in the Herodotean narrative. The first deals with the meeting between Solon and Croesus (I, 30-33), then Croesus with Adrastus, the future murderer of his son (35-45), and, finally, the meeting of Croesus with Cyrus (85-90). In our view, such episodes can be interpreted as a reduced prose version of a tragic trilogy. The aim of this paper is to examine how Herodotus drew his interpretation of Croesus' life from the structural elements of tragedy.

Keywords: Herodotus; Croesus; Solon; Cyrus; Greek tragedy

A escrita de Heródoto representa um novo modo de ver o mundo, por sua narrativa original em prosa e por trazer aos seus ouvintes/leitores diversas anedotas, fábulas, contos, mitos e histórias dos mais diversos povos da Antiguidade. As suas descrições e interpretações do que foi visto e ouvido desenham um mundo muito além da Hélade, ampliado pela curiosidade herodotiana que o levou a investigar e elaborar relatos originais de territórios conhecidos e desconhecidos até então. A diversidade étnica e cultural dos povos que visitou, ou sobre os quais buscou se informar, coloriu o relato herodotiano como um arco-íris que nos encanta pela independência e a combinação de suas cores,

que a ausência de uma delas desfaz seu encanto. Os matizes de seus relatos levam os ouvintes/leitores a momentos que os remetem a diferentes gêneros literários, dentre os quais destacamos o trágico.

Heródoto, como os trágicos, retirou sua matéria da poesia épica. Não por acaso tem como tema principal uma grande guerra que se apresenta em diferentes etapas, tal a Guerra de Tróia. Se antes os helenos lutaram durante dez anos para conquistar um grande reino, em sua época, lutaram durante dez anos, ainda que com interrupções, para que não fossem conquistados pelo grande Império Persa. Nosso historiador, como Homero,

¹ Pesquisadora do Grupo Heródoto/Unifesp e membro do Grupo Taphos/MAE/USP.



descreve traços marcantes da cultura de cada povo visitado, preocupando-se ainda em desenhar com palavras mapas do território que ocupavam para relacioná-lo à sua história e aos seus hábitos e costumes. As histórias de Heródoto também são explicadas pela ação divina, por meio de presságios, sonhos, oráculos, e outros, com uma percepção dos fatos que não se distancia muito da homérica, matriz de todas as composições trágicas.

No primeiro livro de *Histórias*, três episódios da vida de Creso ilustram as principais características do gênero trágico presentes na narrativa herodotiana. O primeiro trata do encontro de Sólon com Creso (I, 30-33)², depois o de Creso com Adrasto, o futuro assassino de seu filho (35-45) e, por fim, do encontro de Creso com Ciro (85-90). A nosso ver, tais episódios podem ser interpretados como uma versão reduzida, em prosa, de uma trilogia trágica. Trataremos a seguir do que Travis chama de “an essential dynamic of tragedy” que existe na narrativa histórica de Heródoto (2000, p. 20), pois, como Chiasson destaca, a tragédia ática é fundamental para a construção do relato herodotiano (2003, p. 5-35). A trilogia de Creso, como a de Édipo, também é inevitável, resulta de um destino invencível, o de cumprir uma maldição familiar:

Quando os lídios chegaram e perguntaram as coisas que lhes foram ordenadas, conta-se que a Pítia disse o seguinte: “É impossível, mesmo para um deus, escapar do destino estabelecido.

E Creso pagou pelos erros da sua quinta geração, que era a de lanceiro dos Heraclidas, porque consentiu com um ardil feminino, assassinou o seu senhor e tomou a honra daquele que em nada lhe pertencia. Visto que Lóxias esforçou-se intensamente para que, sob o comando dos filhos de Creso, ocorresse o sofrimento de Sárdis, e não sob o governo de

Creso, mas não foi capaz de persuadir as Moiras (Heródoto, 2015, p. 93)³.

Então notamos que, embora Creso fosse piedoso e honrado, assim como Édipo também era piedoso e honrado perante os deuses, o seu deus protetor Apolo, ou Lóxias, não conseguiu intervir no destino que as Moiras lhe impuseram. Convém lembrar que a intervenção divina, ou a de um semideus, é um dado relevante na composição trágica. Temos, por exemplo, a personagem Alceste que é salva da morte por Hércules, tal Eurípides nos conta em *Alceste*, vv. 962-1163.

A partir dessas características trágicas do relato herodotiano, sobre a diferença da escrita de um historiador para a de um poeta trágico não está no fato de um escrever em versos e outro, em prosa, como Aristóteles afirma:

Pois o historiador e o poeta não se diferem por narrar acontecimentos em versos ou em prosa (pois se poderia colocar em versos os livros de Heródoto e não seriam menos uma história em verso que em prosa); mas por isso diferem, por um narrar as coisas ocorridas e o outro as que poderiam acontecer (Aristóteles, 2015, p. 314)⁴.

Portanto, o filósofo revela que a forma não interfere no conteúdo, mas que a finalidade é a determinante. Então, se a narrativa trata de ações concretas, é história, mas se trata de ações possíveis, é tragédia. Por seu turno, Heródoto mostra que é possível narrar os acontecimentos em prosa e fazer uso da estrutura e das principais características do gênero trágico. Heródoto traz o elemento trágico para explicar uma sucessão de fatos que se relacionam entre si e que, ao mesmo tempo, refletem um fato maior que é o destino de Creso, drama que começa o seu desenrolar

² Sobre a possibilidade e a datação do encontro de Creso com Sólon, consultar Markianos (1974).

³ Heródoto I, 91. Tradução de Maria Aparecida de Oliveira Silva. A obra de Heródoto foi dividida pelos eruditos alexandrinos em 9 livros e cada um recebeu o nome de uma das musas: Clio, Euterpe, Talia, Melpômene, Terpsícore, Erato, Polímnia, Urânia e Calíope. As citações conforme livro e capítulo serão indicadas em notas.

⁴ Conforme edição *standard* estabelecida por Immanuel Bekker em 1831, a forma de citar Aristóteles é indicada pelo título do tratado, número da página, letra referente à coluna e números das linhas. Portanto, de acordo com o código Bekker a referência ao passo citado é: *Poética* 1451b1-6. Demais referências à mencionada edição serão indicadas em notas.

⁵ Tradução de Maria Aparecida de Oliveira Silva.



após o encontro do rei Lídio com Sólon. Quanto à veracidade deste encontro, temos o testemunho de Plutarco⁶:

Quanto ao seu encontro com Creso, alguns são de opinião que não passa de uma invenção, argumentando com a cronologia. Pela minha parte, contudo, um relato assim famoso, atestado por tantos testemunhos e, o que é mais importante, conforme ao caráter de Sólon e digno da sua magnanimidade e sabedoria, não me parece que seja de o pôr de lado à conta de uns quadros cronológicos, que um ror de estudiosos procurou, até hoje, corrigir, sem que tenham conseguido reduzir as contradições a algum resultado que eles próprios aceitem (Plutarco, *Sólon*, XXVII, 1-2)⁷.

Embora Plutarco esteja certo da veracidade deste encontro, os estudiosos modernos, como Duploux (1999, p. 2-3), demonstram a impossibilidade cronológica deste encontro. A percepção de Plutarco é moralista e lhe apraz um relato em que, principalmente, um filho da Hélade é apresentado como um sábio, um ser de moral irrepreensível. Mas esta é marca do discurso plutarquiano na vida de Sólon: a ambiguidade entre biografia moral e história na vida de Sólon, consultar Silva (2017, p. 256-259). É interessante anotar que De Ste. Croix (1977, p. 136) conclui que a metodologia da escrita herodotiana é exposta pelo próprio autor no Livro II, em duas passagens, vejamos:

E não podia ser informado por nenhum outro, mas fui informado com mais profundidade por esta outra ocasião, quando fui, como testemunha ocular, até a cidade de Elefantina, e já fiz a investigação a partir do que eu ouvia (Heródoto, 2016, p. 37)⁸.

Até esse momento, foram minha visão, meu pensamento e minha investigação que contaram todos esses acontecimentos; e, a partir de então, vou contar os relatos dos egípcios, conforme eu os ouvi deles; e haverá algum acréscimo a eles mesmos também pela minha visão (Heródoto, 2016, p. 78⁹)¹⁰.

Com isso, o autor afirma que a escrita herodotiana é passível de erros por ser algo “empírico” (De Ste. Croix, 1977, p. 132), portanto, sem o conhecimento técnico de nossa época, que nos traz mais precisão às narrativas.

CRESO E SÓLON (1)

O primeiro drama da trilogia trágica herodotiana trata do encontro de Creso e Sólon, que representa o episódio desencadeador de seus sofrimentos futuros. Creso é tomado pela *hýbris* (ὑβρις) que é a insolência humana que faz com que um humano diante de sua boa sorte se vanglorie a ponto de ofender os deuses. O episódio mais célebre da percepção dos helenos sobre o conceito de *hýbris* (ὑβρις) é protagonizado pelo rei Agamêmnon, quando este acerta com sua flecha uma corça e depois se vangloria por ter uma pontaria tão certa quanto a de Ártemis, fato que provocou a ira da deusa e o posterior sacrifício de sua filha Ifigênia (Eurípides, 2013)¹¹.

Notamos que Heródoto segue a estrutura narrativa que mais tarde Aristóteles assim a define:

Já falamos anteriormente sobre as partes da tragédia, quais se deve usar (15) como elementos essenciais; mas segundo sua quantidade e as partes distintas em separado são as seguintes: prólogo, episódio, exôdo e parte coral, e desta uma parte é o párodo e a outra o estásimo, essas partes são comuns a todas as tragédias, são peculiares a algumas os cantos da cena e os cantos de luto. (Aristóteles, 2015, p. 34¹²)¹³.

No prólogo, Heródoto introduz Sólon na cena e relata os motivos que o levaram ao palácio de Creso:

⁶ Para a crítica plutarquiana à escrita de Heródoto, consultar Silva (2013).

⁷ Tradução de Delfim Ferreira Leão (1999).

⁸ Heródoto, II 29.

⁹ Heródoto, II 99.

¹⁰ Tradução de Maria Aparecida de Oliveira Silva (2015b).

¹¹ Conforme edição *standard*, o passo citado é indicado por: Eurípides, *Ifigênia em Áulis*, vv. 84-94.

¹² *Poética* 1452b14-19.

¹³ Tradução de Maria Aparecida de Oliveira Silva (2016).



TEATRO: criação e construção de conhecimento

chegaram a Sárdis florescendo por sua riqueza, à mesma época, todos os outros sábios vivos da Hélade, cada um deles dirigia-se para lá, além de Sólon, cidadão ateniense, que, depois de elaborar leis para os atenienses, que eles lhe pediram com insistência, ficou ausente da sua pátria por dez anos, partiu em viagem pelo mar, com o pretexto legítimo de ver o mundo, e a fim de que não fosse obrigado a abandonar nenhuma das leis as quais instituiu. Os próprios atenienses não foram capazes de fazer isso, pois prometeram, com juramentos, que utilizariam as leis que Sólon lhes instituiu por dez anos. Por esses mesmos motivos, também para ver o mundo, Sólon ficou ausente da sua pátria e partiu para o Egito, para a corte de Amásis, além de ir para Sárdis, à corte de Creso (Heródoto, 2015, p. 48-49)¹⁴.

Neste relato, vemos argumentos que também servem para apresentar o contexto em que se deu o encontro. Mas antes do episódio que narra o diálogo de Creso e Sólon, um grupo de servos, que pode ser associado ao párodo, é encarregado de mostrar a suntuosa riqueza do rei lídio ao ateniense:

Quando chegou, foi recebido no palácio por Creso; depois, no terceiro ou quarto dia, porque foram ordenados por Creso, seus servos conduziram Sólon aos seus tesouros e lhe mostraram que todas aquelas coisas eram grandiosas e prósperas (Heródoto, 2015, p. 49)¹⁵.

Então, a intriga da trilogia trágica herodotiana se inicia com a entrada de Creso, mas somente após Sólon ter observado tudo com cuidado, quando lhe perguntou:

Hóspede ateniense, muitas histórias sobre ti chegam até nós, por causa da tua sabedoria e da tua peregrinação, que em busca do saber foste a muitas terras para ver o mundo; agora, veio-me o desejo de perguntar-te se alguém dentre todos que já viste é mais feliz.” E ele, esperando que fosse o mais feliz dos homens,

perguntou-lhe isso, e Sólon em nada o adulando, mas, na realidade, sendo-lhe útil, respondeu: “Ó rei, o ateniense Telo”. Depois de ter ficado muito espantado com o que foi dito, Creso perguntou-lhe com veemência: “Por qual razão julgas que Telo é o mais feliz?” E ele respondeu: “Isso, porque sua cidade estava prosperando, Telo tinha filhos belos e bons, também viu filhos sendo gerados por todos eles, e isso, porque sua vida era próspera, como as riquezas que há junto a nós, e o fim da sua vida sobreveio-lhe do modo mais brilhante: quando houve uma batalha dos atenienses contra os seus vizinhos de fronteira em Elêusis, ele os socorreu e provocou a fuga dos seus inimigos, morreu da forma mais bela, e os atenienses construíram um túmulo a expensas da cidade para ele no mesmo lugar em que tombou, e o honraram magnificamente (Heródoto, 2015, p. 49-50)¹⁶.

E o desejo incontido de Creso de ouvir do sábio ateniense que o rei lídio era um homem destacado por sua felicidade o impeliu a perguntar novamente, com a intenção de ser o segundo homem mais feliz, e Sólon lhe respondeu:

Cléobis e Bítôn¹⁷. Esses eram argivos de nascimento e tinham meios de vida suficientes, além disso, uma força física, tal esta: ambos igualmente foram vencedores em jogos, além disso, conta-se esta história sobre eles: quando houve uma festa em homenagem a Hera entre os argivos, a mãe deles devia impreterivelmente ser levada ao templo por uma parelha de bois, mas os bois não vieram até eles no momento exato; pressionados pelo tempo, os jovens colocaram em si mesmos a parelha e arrastaram o carro, a mãe foi com eles em cima do carro, carregando-a por quarenta e cinco estádios, chegaram ao templo. Depois de eles fazerem isso, sob os olhos de todo o povo reunido para a festa, sobreveio-lhes o melhor fim da vida, e o deus mostrou, por meio deles, que poderia ser melhor para um homem morrer mais que viver (Heródoto, 2015, p. 50-51)¹⁸.

¹⁴ Heródoto, I 29-30.

¹⁵ Heródoto, I 30.

¹⁶ Heródoto, I 30.

¹⁷ Conforme Chiasson, ao citar os irmãos argivos Cléon e Bítôn, Heródoto retoma um tema muito comum na poesia hexâmetro que trata do mito como exemplo para a

formação de seu corpo militar e a compreensão da morte (2005, p. 44-45). O autor dialoga com Sansone (1991) sobre a afirmação deste de que a escolha de Heródoto ocorre por conta do exemplo atlético que ambos representam.

¹⁸ Heródoto, I 31.



Insatisfeito com a resposta de Sólon, Creso se irrita e pergunta sem rodeios: “Hóspede ateniense, e a nossa felicidade é assim lançada ao nada por ti, de tal sorte que tornaste a nossa não mais digna que a dos homens comuns?” (I, 32) Então, Sólon lhe responde:

Creso, eu sei que a divindade é em tudo invejosa e perturbada, interrogaste-me sobre os assuntos humanos. Pois, na longa vida humana, houve muitas coisas que ninguém quis ver, e ainda, muitas vezes, sofrer. Suponho que o limite da vida humana esteja nos setenta anos. Estes setenta anos representam vinte e cinco mil e duzentos dias, não havendo mês intercalar; se quisesse tornar um ano a cada dois anos mais extenso com um mês, a fim de que as estações do ano venham no devido momento, além dos setenta anos, os meses intercalares vão se tornar trinta e cinco e os dias dos meses, mil e cinquenta. Esses dias todos nestes setenta anos totalizarão vinte e seis mil duzentos e cinquenta, e um dia é completamente diferente do outro, não traz nenhum acontecimento semelhante. Assim, Creso, um homem é em tudo vicissitude. Para mim, tu pareces que és muito rico e rei de muitos homens; e sobre aquilo que me perguntaste, eu não te responderei antes de ser informado se terminaste bem a tua vida (Heródoto, 2015, p. 51)¹⁹.

A resposta de Sólon é um convite à reflexão sobre a fragilidade humana diante do destino, que a insolência não deve se sobrepor a essa condição, para não alimentar a *hýbris* em si mesmo, nem ser alvo da *nêmesis* divina, nem sofrer uma catástrofe. Exatamente porque “a divindade é em tudo invejosa e perturbada” (τὸ θεῖον πᾶν ἐὼν φθονερόν τε καὶ ταραχῶδες), por isso “um homem é em tudo vicissitude” (πᾶν ἐστὶ ἄνθρωπος συμφορή). Essas duas falas de Sólon retomam duas máximas helenas que são características da narrativa herodotiana. De acordo com Shapiro, Heródoto utiliza as máximas, em especial, as de cunho sapiencial, para explicar os acontecimentos. A autora nos informa que Heródoto faz uso de setenta e quatro ao longo de sua obra e que este expediente já havia sido

utilizado por Homero e que depois foi retomado pelos trágicos (2000, p. 90-91)²⁰.

E, assim, Sólon encerra sua fala: “pois, para muitos, após conceder um lampejo de felicidade, o deus arruína-os até a raiz.” (πολλοῖσι γὰρ δὴ ὑποδέξας ὄλβον ὁ θεὸς προρρίζους ἀνέτρεψε) (I, 32). O diálogo entre Sólon e Creso atua como um epílogo do primeiro drama, onde há um prenúncio dos males que sobrevirão a Creso, por sua insolência, como lemos neste trecho:

Ao dizer isso, ele não foi de modo algum agradável a Creso, que não deu importância nenhuma ao seu discurso e mandou-o embora; pensando que era muita ignorância daquele que desconsidera as boas circunstâncias presentes e pede para olhar para o fim de um evento. E depois de Sólon ter partido, Creso recebeu do deus a grande vingança, como parece, porque considerou a si mesmo como o mais feliz de todos os homens (Heródoto, 2015, p. 52)²¹.

Com o uso do termo *nêmesis* (νέμεσις), que nós traduzimos por “vingança”, nosso autor nos mostra que o deus puniu Creso por sua insolência. Entre os helenos, há uma deusa homônima, *Nêmesis*, que é a personificação dessa vingança divina e apresenta-se como deusa do pudor e da justiça distributiva, encarregada de castigar o orgulho ou o excesso de felicidade. Assim, Creso alimentou sua insolência (ὑβρις) em oposição à prudência (σωφροσύνη). A falta de bom senso do rei lídio despertou o desejo de vingança divina, pois “recebeu do deus a grande vingança” (ἔλαβε ἐκ θεοῦ νέμεσις μεγάλη). Desse modo, o drama seguinte trata da *nêmesis* divina vinda através da morte de seu filho Átis.

CRESO E ADRASTO (2)

O segundo drama se desenvolve no palácio de Creso, o grande palco de Heródoto, a partir da chegada de Adrasto. Antes desta primeira cena, o historiador explica em seu prólogo o

¹⁹ Heródoto, I 32.

²⁰ Shapiro dedica um artigo a interessantes reflexões sobre o encontro de Creso e Sólon (1996, p. 348-364).

²¹ Heródoto, I 33-34.



contexto do seu drama histórico e apresenta a personagem principal de seu episódio:

Imediatamente após ele dormir, sucedeu-lhe um sonho que lhe mostrou a verdade dos fatos futuros, que iria acontecer coisas ruins para o seu filho. E Cresos tinha dois filhos, um deles era imperfeito, pois era surdo, e o outro em muito era o primeiro dentre os de sua idade em todas as coisas; e seu nome era Átis. E o sonho indicava que era esse Átis que morreria ao ser atingido por uma ponta de ferro (Heródoto, 2015, p. 52-53)²².

O aviso divino, no entanto, não serviu para que Cresos aceitasse a sua condição humana e se preparasse para o triste acontecimento. Pelo contrário, Cresos tentou de todas as formas evitar o cumprimento dos designios divinos. Como um Édipo atordoado com a verdade, a sua primeira ação foi ter a pretensão de que um humano é capaz de burlar a vontade divina, o que novamente demonstra a insolência de Cresos diante do determinado pelas Moiras. Apesar de suas medidas para evitar a morte do filho por meio de uma ponta de ferro, o destino de Cresos tinha o seu curso certo. E Heródoto assim descreve o encontro de Cresos e Adrasto:

E quando o filho estava ocupado com o casamento, um homem, que era de origem frígia e descendente de família real, chega a Sárdis com um infortúnio e as mãos impuras. Esse, ao chegar ao palácio de Cresos, pediu-lhe que obtivesse a purificação, conforme os costumes dos povos da região; e Cresos purificou-o. Os lídios e os helenos têm um ritual de purificação quase igual. Depois de Cresos ter realizado a purificação, segundo os costumes estabelecidos, informou-se sobre de onde ele vinha e quem era, perguntando o seguinte: “Homem, quem és e de que lugar da Frígia vieste para tornar-se meu suplicante? Qual homem ou mulher assassinaste?”. E ele respondeu: “Ó rei, sou filho de Górdio, filho de Midas, e chamo-me Adrasto; contra minha vontade matei meu próprio irmão e me apresento porque fui banido pelo meu pai e despojado de todas as coisas” (Heródoto, p. 53-54)²³.

Em uma sequência de erros inevitáveis, Cresos acolhe Adrasto em seu palácio. O termo para purificação é *kátharsis* (κάθαρσις), palavra que tem implicações médicas e religiosas e representa a purificação da alma, tornando-a harmoniosa ou transformando o corpo doente em são, como as práticas médicas de purgação corporal que víamos até o início do século XX. Como Platão afirma em seu diálogo *Sofista*, 227d, a *kátharsis* (κάθαρσις) é “a remoção do mal da alma”. O rei, como um escolhido de Zeus, tem o poder de purificar um homem. Por essa razão, Adrasto pede a Cresos que o purifique, e este lhe responde o seguinte:

Porque és descendente de homens amigos e vieste para junto de amigos, aqui não estarás em dificuldade por coisa alguma, enquanto permaneceres em meu palácio; com relação a esse seu infortúnio, se o suportar de um modo mais despreocupado possível, ganharás ao máximo (Heródoto, 2015, p. 54)²⁴.

Mesmo contra a sua vontade, Cresos seguiu cumprindo o seu destino ao abrigar Adrasto em seu palácio, como Heródoto registra:

E ele passou a viver no palácio de Cresos; nessa mesma época, havia no Monte Olimpo da Mísia, um javali, que era uma criatura enorme; e depois de ter descido dessa montanha, devastava os campos dos mísios; muitas vezes, quando eles saíam para atacá-lo; não lhe faziam mal nenhum, mas sofriam por causa dele. Por fim, os mensageiros dos mísios foram à corte de Cresos e disseram o seguinte: “Ó rei, um javali, uma criatura gigantesca, que devastava os nossos campos, apareceu em nossa região. Embora tenhamos nos empenhado, não fomos capazes de capturá-lo. Agora, imploramos a ti que envie conosco teu filho, jovens de elite e cães, para que o retiremos de nossa região” (Heródoto, 2015, p. 54)²⁵.

Desse modo, a purificação de Adrasto é mais um episódio que compõe a grande trama divina que é a morte de Átis pela ponta de um ferro. Não por acaso, a região dos mísios é atacada por um javali gigantesco, que destrói

²² Heródoto, I 34.

²³ Heródoto, I 35.

²⁴ Heródoto, I 35.

²⁵ Heródoto, I 36.



a sua região, e o povo é impelido a requerer a intervenção do seu rei. Apesar da grave situação dos mísios, Creso não se esquece do que lhe foi anunciado em sonho e se nega a enviar seu filho Átis com a expedição, mediante a seguinte resposta:

Não vos lembreis ainda de meu filho; pois não poderia enviá-lo, ele está recém-casado e isso agora não lhe importa. Todavia, enviarei os seletos dentre os lídios e todo o meu grupo de cães de caça, e ordenarei aos que vão que sejam os mais empenhados possível para retirar convosco essa fera da vossa região (Heródoto, 2015, p. 54)²⁶.

As sucessivas tentativas de Creso de interferir no destino que lhe fora designado por sorteio pelas Moiras se mostram inócuas e, contraditoriamente, sustentam a sucessão de eventos que desencadeia a morte de seu filho. A recusa de Creso desperta a curiosidade de Átis e o coloca no diálogo, pois seu filho o interroga e o rei lhe conta o aviso que recebera em sonho (I, 37). Ainda assim, em um verdadeiro *áγών* (*agón*), no sentido da disputa retórica, Átis não se convence, inicia um diálogo retórico com seu pai e o vence com seu argumento:

O jovem respondeu o seguinte: “Compreendo, pai, que tu tiveste essa visão e quiseste manter vigilância sobre mim; o que não compreendes, mas o que te passou despercebido durante o teu sonho, é justo que eu te diga. Dizes que o sonho te revelou que eu seria morto por uma ponta de ferro. Como são as garras de um javali? Como é uma ponta de ferro, a que tu temes? Pois se tivesse me dito que eu seria morto por um dente ou por parte dele, o que isso parece, seria preciso que tu fizesses as coisas que fazes; na realidade, pela ponta de ferro. Depois, a nossa batalha não será contra homens, deixa-me ir”. Creso respondeu: “Filho, há algo com o qual me vences com o teu pensamento quando me revelou outro aspecto da visão que tive em sonho; porque me venceste, mudei de ideia e te permito ir à caçada (Heródoto, 2015, p. 55)²⁷.

Tal como em uma tragédia, a escolha do nome do filho de Creso reflete uma característica marcante da personagem. Átis (Ἄτις ou Ἄτιης) está relacionado a ἄτη (*átē*) que significa “a cegueira do espírito” ou “a cegueira da razão”, uma espécie de “perturbação” que confunde o discursante e o faz deliberar pelo pior em um *άγών* (*agón*) trágico. E o convencimento de Creso reforça a *ἀνάγκη* (*anánkē*) que é a sequência necessária de fatos ao cumprimento da vontade divina, a de vingar-se da insolência do rei por meio da morte de seu filho²⁸. Então, entra em cena Adrasto, que é chamado pelo rei para proteger seu filho durante a expedição. E Heródoto nos mostra que a ἄτη (*átē*), além do filho, também domina pai, pois o próprio Adrasto argumenta sobre a pertinência de ir como protetor do filho do rei:

Ó rei, de outro modo eu mesmo não iria para esta missão; pois meu infortúnio não te seria útil, uma casa real é para companheiros que têm bom êxito frequentar, nem quero estar ao lado deles; por muitas razões, eu mesmo teria me mantido longe. Na realidade, porque tu me apressas, e que devo te agradar (pois te devo retribuição pelas coisas úteis) estou pronto para fazer isso, e teu filho, que me ordenas proteger, sob minha proteção, aguarda que ele retornará são e salvo (Heródoto, 2015, p. 56)²⁹.

A ἄτη (*átē*), ou “a cegueira da razão”, que toma pai e filho parece ser algo destinado ao sangue que corre na família de Creso. A insensatez do pai é extensiva ao filho, e ambos padecem por lutar contra o seu destino. E com o desenrolar dos acontecimentos, Heródoto compõe uma cena de reconhecimento (*ἀνάγνωσις*), quando Creso compreende qual o papel de Adrasto em seu drama pessoal:

E, Creso, perturbado com a morte do filho, mais intensamente se lamentou, porque quem o havia matado tinha sido por ele mesmo purificado de um assassinato. Consternado pelo infortúnio, terrivelmente clamou por Zeus Catársio, que fosse testemunha de como estava

²⁶ Heródoto, I 36.

²⁷ Heródoto, I 39-40.

²⁸ Para uma leitura mais aprofundada sobre a *ἀνάγκη* (*anánkē*) em Heródoto, consultar Munson (2001).

²⁹ Heródoto, I 42.



sofrendo pelas ações do seu hóspede; e clamou por Zeus Epístio e por Zeus Hetairo, ele mesmo nomeou assim o deus, um chamando o Epístio, porque havia habitado em seu palácio, advertindo-o que não lhe passasse despercebido de que seu hóspede, que fora alimentado por ele, era o assassino de seu filho; e o outro, Hetairo, porque tinha sido enviado como protetor e havia descoberto que ele era o seu maior inimigo (Heródoto, 2015, p. 56-57)³⁰.

Como Aristóteles afirma: “os elementos principais com os quais a tragédia encanta são as partes do enredo, que são as peripécias e os reconhecimentos.” (πρὸς δὲ τούτοις τὰ μέγιστα οἷς ψυχαγωγεῖ ἡ τραγωδία τοῦ μύθου μέρη ἐστίν, αἱ τε περιπέτειαι καὶ ἀναγνωρίσεις.) (*Da arte poética*, 1450b34-35). Portanto, destes elementos citados pelo filósofo, vemos que Heródoto utiliza os expedientes do reconhecimento e da peripécia para conferir mais graça e dramaticidade ao seu relato. Quando Heródoto registra que, após a morte de Átis, “por dois anos, Cresos permaneceu em profundo luto, por estar privado do seu filho” (I, 46), notamos a reviravolta no estado emocional de Cresos. Se antes o rei se mostrava orgulhoso e feliz por suas riquezas e por ter um filho herdeiro de seu trono, agora se mostra triste e cabisbaixo, sem um filho capaz de sucedê-lo.

CRESO E CIRO (3)

A καταστροφή (*katastrophé*), ou seja, a “catástrofe” ou a “ruína” do rei lídio se consuma no terceiro drama, quando Cresos se encontra com Ciro. Heródoto relata que, após dois anos da morte de seu filho, Cresos recebe a notícia de que Ciro havia tomado o poder na Pérsia e que estava expandindo seu império. Então, o rei lídio inicia uma série de consultas para por a prova diversos oráculos, a fim de saber se sua expedição militar contra o rei persa seria bem-sucedida (I, 46). Então, Heródoto revela a preferência de Cresos por Delfos e elabora um catálogo das valiosas e grandiosas oferendas enviadas ao deus Apolo.

Difícil não lembrar do *Catálogo das Naus*, de Homero, *Ilíada*, II, vv. 494-785, onde o poeta descreve a quantidade de homens e naus que participaram da Guerra de Troia, claramente, para impressionar o seu leitor/ouvinte com a grandiosidade e a opulência daquilo que descreve.

E Cresos ficou tão satisfeito com a resposta que veio de Delfos que decidiu presentear os delfos:

Depois de Cresos ter as predições trazidas, alegrou-se com as palavras oraculares, e ficou completamente esperançoso de que destruiria o reino de Ciro; enviando-os novamente para Pito, em Delfos. Após ser informado sobre o número de cidadãos delfos, presenteou cada homem com duas estáteres de ouro. E os delfos, em troca, deram a Cresos e aos lídios o direito de serem os primeiros a consultar o oráculo, isenção de impostos, lugares de honra e a permissão, a quem deles quisesse, para tornar-se um cidadão delfo para sempre (Heródoto, 2015, p. 64)³¹.

No entanto, a euforia de Cresos não se justifica pelas palavras oraculares, pois a resposta que lhe deram os oráculos dizia que, se Cresos empreendesse uma expedição militar contra Ciro, “um grande império seria destruído” (I, 54). Mais uma vez, a insolência de Cresos o torna insensato e incapaz de conjecturar que o seu império poderia ser o destruído. E certo de que dominaria o império de Ciro, o rei lídio consultou novamente o oráculo, sem temer qualquer erro de interpretação de sua parte:

E Cresos, depois de presentear os delfos, consultou o oráculo pela terceira vez; uma vez que havia recebido uma resposta oracular verdadeira, fazia uso dele sem moderação. Ao consultar o oráculo, perguntou o seguinte: se a sua monarquia seria duradoura. E a Pítia proferiu o seguinte oráculo:

Mas quando um mulo tornar-se rei dos medos, então, lídio, de pés delicados, pela margem do Hermo coberta de pedrinhas, fuja e não esperes, nem te envergonhes por seres um covarde.

³⁰ Heródoto, I 44.

³¹ Heródoto, I 54.



Com a chegada desses versos, Cresos alegrou-se muito mais que com os outros, tendo a expectativa de que um burro, em vez de um homem, jamais seria rei dos medos, e que nem ele mesmo nem seus sucessores teriam algum dia o seu poder interrompido (Heródoto, 2015, p. 64)³².

Como em uma tragédia em que os espectadores conhecem o seu final, Heródoto prenuncia a grande catástrofe de Cresos que é a perda de seu império para Ciro, mas sempre destacando a insensatez do rei Lídio: “e Cresos, porque estava enganado a respeito do oráculo, realizava uma campanha militar contra a Capadócia, esperando destruir Ciro e o poder dos persas.” (I, 71). Para cumprir seu destino, Cresos insiste em invadir a Capadócia e lutar contra Ciro, o resultado:

Enquanto Cresos refletia sobre esses assuntos, todo o entorno da cidade havia sido tomado por serpentes. Quando elas apareciam, os cavalos abandonavam os pastos onde se distribuía e iam devorá-las. E, no momento em que Cresos viu isso, pensou que fosse um prodígio, como de fato o era. E, imediatamente, enviou seus mensageiros para consultar o oráculo dos intérpretes telmesses. Quando os mensageiros enviados para consultar o oráculo chegaram e souberam dos telmesses o que o prodígio queria mostrar, não partiram para anunciá-lo a Cresos, pois, antes que eles zarpassem de volta para Sárdis, Cresos foi capturado (Heródoto, 2015, p. 84)³³.

Heródoto enfatiza a inevitabilidade dos fatos, pela necessidade de que tudo se cumpra conforme a vontade do deus:

Ao próprio Cresos aconteceram os seguintes fatos: ele tinha um filho, que já havia mencionado antes, capaz quanto às outras coisas, mas surdo. No momento em que se lhe apresentava a prosperidade, Cresos tudo fez para ele e concebeu-lhe outras coisas; além disso, enviou seus mensageiros a Delfos para consultar seu oráculo; e a Pítia proferiu-lhe as seguintes palavras:

*Lídio, rei de muitos povos, grande néscio
Cresos,
não queiras muito desejoso ouvir no palácio
a voz
do teu filho falando. Isso será muito mais
agradável
para ti; pois ele falará primeiro em um dia
funesto.*

Então, quando a muralha foi ocupada, pois um dos persas foi, tomando Cresos por outro, para matá-lo, e Cresos, vendo-o avançar, foi indiferente sob o presente infortúnio, visto que em nada lhe seria diferente se morresse sendo golpeado; e esse seu filho, o surdo, quando viu o persa avançando, sob o efeito do medo e do terror, soltou a voz e disse: “Homem, não mates Cresos”. Então, essa foi a primeira vez que ele emitiu um som e, depois disso, já começou a falar durante todo o tempo de sua vida (Heródoto, 2015, p. 89-90)³⁴.

O relato herodotiano nos mostra que o rei Lídio conhecia o seu destino e que suas ações para evitá-lo apenas o conduziam para o seu cumprimento. Esta luta de Cresos contra o seu destino também representa uma ideia que permeia seu relato que é a do aprendizado pelo sofrimento (Shapiro, 1994). Os oráculos aparecem como grandes conselheiros de Cresos, que lhe auxiliaram durante o seu período de florescimento, mas que nada podiam fazer para mudar o seu destino. A ambiguidade de suas palavras serve para confundir o pensamento de um rei perturbado com a inevitável perda. Como em qualquer tragédia, a dificuldade humana de aceitar o quinhão que lhe fora destinado pelas Moiras apresenta-se como uma perturbação que impele a personagem a seguir o caminho traçado por seu destino. E seu relato sobre a *καταστροφή* (*katastrophé*), ou seja, a “catástrofe” ou a “ruína” do rei Lídio assim se segue:

Então, os persas tomaram Sárdis e capturaram o próprio Cresos, que governara durante catorze anos e havia sido sitiado por catorze dias e que, conforme o oráculo, ele pôs fim ao seu grande império. Depois de agarrá-lo, os persas levaram-no para Ciro. E ele ordenou

³² Heródoto, I 55-56.

³³ Heródoto, I 78.

³⁴ Heródoto, I 85.



que fosse erguida uma grande pira e que Creso fosse colocado em cima dela, preso com grilhões, e duas vezes sete meninos lídios ao lado dele, tendo em mente então, quer dedicá-los como primícias a um deus qualquer, quer querendo cumprir também um voto, quer ainda saber se Creso era temente aos deuses; por causa disso, ordenou que ele fosse colocado sobre a pira, querendo saber se alguma divindade iria protegê-lo para que não fosse queimado vivo (Heródoto, 2015, p. 90)³⁵.

É interessante perceber que Heródoto explica que a sorte do rei lídio poderia ter sido pior se não tivesse sido um homem piedoso e honrado com os deuses, em especial, o deus Apolo. A sabedoria dos helenos aprendida por Creso não se manifesta apenas sob a perspectiva divina, mas esta se manifesta ainda na filosofia, aqui, personificada por Sólon. Sobre isso, vejamos o que o historiador nos conta:

Então, ele fez isso. E quando Creso estava colocado em cima da pira, veio à sua mente, embora nesse tamanho mal presente, o que ouviu de Sólon, que tivera o auxílio dos deuses quando ele havia lhe dito que “nada que é dos seres vivos é feliz”. Ora, quando lhe ocorreu isso, suspirou e lamentou, depois de uma longa calma, e disse três vezes o nome Sólon. E, após Creso ter ouvido isso, ordenou que seus intérpretes perguntassem a Creso quem era esse que ele invocava, e eles se aproximaram dele para perguntar. Durante um longo tempo, Creso ficou em silêncio após ter sido interrogado; depois disso, porque foi obrigado, disse: “Aquele que eu desejaria a todos os tiranos, por grandes somas de dinheiro, que fossem as suas discussões”. Como o que ele lhes disse era sem sentido, novamente perguntaram sobre o que ele havia dito. Porque eles persistiram e pela perturbação dos que estavam presentes, então ele disse que Sólon era ateniense e que tinha vindo ao seu reino, também que ele havia contemplado toda a sua opulência e que não tinha feito caso dela, e ainda o que ele lhe dissera naquele momento, e que tudo que lhe havia sucedido por aquilo que ele disse, porque falava senão mais que para ele mesmo que para qualquer outro ser humano e, sobretudo, aos que se

consideravam felizes (Heródoto, 2015, p. 90-91)³⁶.

O episódio relatado por Heródoto demonstra que Creso é mais inteligente e temente aos deuses que Creso. Primeiro, Creso procurou ter certeza do que estava acontecendo, não se esquivou de perguntar várias vezes até que tivesse certeza do que estava acontecendo. A atitude do rei persa também evidencia a sua sabedoria ao reconhecer a sabedoria de Sólon, ao avaliar como corretas as suas palavras. E por isso:

Enquanto Creso relatava isso, as extremidades da pira acesa já estavam queimando. E quando Creso ouviu dos intérpretes o que Creso disse, mudou de ideia e compreendeu que também ele mesmo era um homem e que outro homem em vida ele dava ao fogo, o qual ocorria de ter uma felicidade não menor que a dele próprio; além disso, por temer a retribuição divina, também lhe veio à mente que nada havia dentre os homens que fosse estável, então ordenou que apagassem o mais rápido possível o fogo que queimava e que descessem Creso e os que estavam na companhia dele. E os que tentaram não foram capazes ainda de dominar o fogo. Naquele momento, como é contado pelos lídios, Creso percebeu a mudança de propósito de Creso, porque viu todos os homens apagando o fogo, mas porque não eram mais capazes de detê-lo, ele invocou Apolo para socorrê-lo, gritando, se em algo ele o havia agradado com algum presente vindo dele, que aparecesse e o protegesse do presente mal. Após ele, chorando, ter invocado o deus, de um céu sereno e sem vento, aglomeraram-se, de repente, nuvens; irrompeu uma tempestade, choveu com uma água torrencial, e a pira foi apagada. Assim, Creso compreendeu, então, que Creso era um homem bom e amado pelos deuses (Heródoto, 2015, p. 91)³⁷.

Depois de Creso culpar Apolo por seu infortúnio (I, 87), Heródoto explica que o rei lídio foi o responsável pela sua própria ruína (I, 88-90) e que a sua catástrofe era também o cumprimento de um erro cometido cinco gerações antes, tal como vimos

³⁵ Heródoto, I 86.

³⁶ Heródoto, I 86.

³⁷ Heródoto, I 86-87.



anteriormente. O nosso historiador remete seu leitor/ouvinte para o episódio de Gíges e Candaules (I, 8-12), que teve o seguinte desfecho:

E ele se apoderou do reino e foi confirmado pelo oráculo de Delfos. Porque os lídios, então, consideraram terrível o sofrimento de Candaules, eles se armaram, fizeram uma revolução e colocaram-se de acordo com os partidários de Gíges e o restante dos povos lídios, sobre se o oráculo pronunciasse que ele seria o rei dos lídios, ele reinaria, se não, restituiria o poder aos Heraclidas. E, então, o oráculo pronunciou-se e, assim, Gíges tornou-se rei. Todavia, nesse ponto, a Pítia disse que a vingança viria para os Heraclidas na quinta descendência de Gíges. Os lídios e seus reis não tiveram nenhuma consideração por essa parte do oráculo, até o momento em que ele foi cumprido (Heródoto, 2015, p. 38)³⁸.

Portanto, o destino de Creso já estava determinado pela usurpação do trono de Candaules pelo seu tetravô. Relembremos o registrado por Heródoto: “É impossível, mesmo para um deus, escapar do destino estabelecido. E Creso pagou pelos erros da sua quinta geração” (I, 91). Heródoto reforça que Creso foi um protegido do deus, não uma vítima dele e que a culpa era de Creso

e que Creso saiba disso, que ele foi capturado três anos mais tarde do que lhe havia sido estabelecido pelo destino. Em segundo lugar, o deus salvou-o quando Creso estava sendo queimado por eles. Conforme o oráculo proferido, Creso não o está censurando corretamente, pois Lóxias proferiu que, se Creso realizasse uma expedição militar contra os persas, ele destruiria um grande império. E, diante disso, se ele tivesse a intenção de deliberar bem, precisaria ter perguntado outra e outra vez, enviando alguém para que o deus lhe dissesse qual império seria destruído, se o seu ou o de Creso. E ele não compreendeu o que lhe foi dito, nem inquiriu o deus novamente, e que ele declare a si mesmo culpado. Além disso, quando consultou o oráculo pela última vez, repetiu as mesmas palavras que Lóxias proferira sobre o mulo, mas nem isso compreendeu. De fato, Creso era esse mulo; pois nasceu de duas pessoas que não pertenciam ao

mesmo povo, de uma mãe de linhagem superior e de um pai de origem inferior. Pois sua mãe era uma meda, filha de Astíages, rei dos medos, enquanto seu pai era um persa, governado por aqueles; mesmo estando abaixo dela em todos os aspectos, casou-se com sua senhora. E a Pítia respondeu isso aos lídios, e levaram essa resposta para Sárdis e anunciaram-na para Creso. E, após ele ter ouvido isso, compreendeu que o erro havia sido dele mesmo, e não do deus (Heródoto, 2015, p. 94)³⁹.

Notamos que Heródoto retoma a ideia de que uma informação deve ser confirmada, quando não se tem a clareza dela, especialmente, quando se tem uma grande decisão a ser tomada. A sabedoria de Creso está na sua percepção do que é sábio. Heródoto atribui a Creso uma sabedoria natural que lhe faz sábio, com a capacidade de reconhecer outro sábio. Nosso autor aproxima os lídios dos helenos ao tratar o persa como um bárbaro: “pois os persas, antes de subjugar os lídios, não tinham requinte nem bens valiosos” (I, 71). Heródoto mostra que o contato dos lídios com os helenos tornou-os mais refinados e que os persas herdaram essa característica.

A construção narrativa de Heródoto remete a um estilo marcado pelo uso da técnica de *ring-composition* ou “composição anelar” em um formato minimalista, de acordo com Hau (2016, p. 174). Notamos que Heródoto conta os três dramas de Creso e os encerra lembrando o leitor/ouvinte tudo que foi dito por Sólon e os oráculos no primeiro drama.

CONCLUSÕES

Heródoto conhece a tradição poética da Hélade, demonstra conhecimento das tragédias e interpreta suas histórias por meio de um olhar trágico que interpreta os acontecimentos por meio da ancestralidade, dos sonhos ambíguos, dos oráculos mal interpretados, da constante presença de

³⁸ Heródoto, I 13.

³⁹ Heródoto, I 91.



TEATRO: criação e construção de conhecimento

Delfos, da prosperidade, da arrogância e da calamidade. Tais formas de interpretação estão contidas na tradição poética helênica, de Homero a Píndaro, o que, segundo Herington, demonstra a dependência da tragédia ática na sua visão de causa e efeito dos fatos (1991, p. 7).

O prólogo de Heródoto é comparado aos de Homero por Hartog, visto que ambos registram uma característica da poesia épica que é apresentar a matéria e a fonte de suas informações (1999, p. 286). Mais adiante, o autor resume muito bem a intersecção entre tragédia e história em Heródoto:

A tragédia não se encontra na origem da história, mas simplesmente tragédias desse tipo criam um campo de aceitação, no qual se torna possível, para qualquer um, contar para seus contemporâneos as guerras entre gregos e bárbaros. E os principais atores do drama podem portanto ser heróis trágicos (Hartog, 1999, p. 337)⁴⁰.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES (2015). *Da arte poética*. Apresentação de Fernando Brandão dos Santos. Tradução e notas de Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Martin Claret.
- CHIASSON, Charles C. (2003). Herodotus' use of attic tragedy in the lydian logos. *Classical Antiquity*, v. 22, n. 1, p. 5-35.
- CHIASSON, Charles C. (2005). Myth, ritual, and authorial control in Herodotus' story of Cleobis and Biton (Hist. 1.31). *The American Journal of Philology*, v. 126, n. 1, p. 41-64.
- De Ste. CROIX, G. E. M. (1977). Herodotus. *Greece & Rome*, v. 24, n. 2, p. 130-148.
- DUPOUY, Alain (1999). L'utilisation de la figure de Crésus dans l'idéologie aristocratique athénienne: Solon, Alcmeon, Miltiade et le dernier roi de Lydie. *L'Antiquité Classique*, t. 68, p. 1-22.
- EURÍPIDES (2003). *Iphigenia at Aulis*. Translated by David Kovacs. Cambridge/Massachusetts: Harvard University Press.
- EURÍPIDES (2018). *Alceste*. Tradução Jaa Torrano. In: EURÍPIDES. *Teatro Completo*. V. II. Tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras.
- HAU, Lisa Irene (2016). *Herodotus*. In: HAU, Lisa Irene (Ed.). *Moral history from Herodotus to Diodorus Siculus*. Edinburg: Edinburg University Press, p. 172-193.
- HARTOG, François (1999). *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Tradução de Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: EdufmG.
- HERINGTON, Arion (1991). The poem of Herodotus. *A Journal of Humanities and the Classics*, v. 1, n. 3, p. 5-16.

⁴⁰ Tradução de Jacyntho Lins Brandão (1999).



TEATRO: criação e construção de conhecimento

- HERÓDOTO (2015). *Histórias. Livro I – Clio*. Tradução, introdução e notas de Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Edipro.
- HERÓDOTO (2016). *Histórias. Livro II – Euterpe*. Tradução, introdução e notas de Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Edipro.
- HOMERO (1960). *Ilíada*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Melhoramentos.
- MARKIANOS, Sophocles S. (1974) The chronology of the Herodotean Solon. *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, Bd. 23, H. 1, p. 1-20.
- MUNSON, Rosaria Vignolo (2001). *Ananke in Herodotus*. *The Journal of Hellenic Studies*, v. 121, p. 30-50.
- PLUTARCO (1999). *Vida de Sólon*. Introdução, tradução e notas de Delfin Ferreira Leão. Revisão geral Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Relógio D'água.
- PLUTARCO (2013). *Da malícia de Heródoto*. Estudo, tradução e notas de Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Edusp/Fapesp.
- SANSONE, David (1991). Cleobis and Biton in Delphi. *Nikephoros*, v. 4, p. 121-132.
- SHAPIRO, Susan. O. (1996). Herodotus and Solon. *Classical Antiquity*, v. 15, n. 2, p. 348-364.
- SHAPIRO, Susan. O. (1994). Learning through suffering: human wisdom in Herodotus. *The Classical Journal*, v. 89, n. 4, p. 349-355.
- SHAPIRO, Susan. (2000). O. Proverbial wisdom in Herodotus. *Transactions of the American Philological Association*, v. 130, p. 89-118.
- SILVA, Maria Aparecida de Oliveira Silva (2017). *História e biografia em Plutarco: o público e o privado na "Vida de Sólon"*. In: Glaydson José da Silva; Maria Aparecida de Oliveira Silva (Orgs.). *A Ideia de História na Antiguidade Clássica*. São Paulo: Alameda/Fapesp, p. 255-282.
- TRAVIS, Roger (2000). The spectation of Gyges in P. Oxy. 2382 and Herodotus Book 1. *Classical Antiquity*, v. 19, n. 2, p. 330-359.